

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA ORTOGRAFIA

Telisa Weber Furlanetto

Professora de Prática de Ensino de  
Ensino de Português — PUC/RS

Ortografia é preocupação constante — ainda que, às vezes, latente — de todos os que se dedicam ao ensino de Língua Portuguesa.

Pretendemos, neste trabalho, abordar alguns aspectos do referido assunto, apresentando algumas soluções didáticas em termos de técnicas e atividades.

Podemos constatar que as crianças, mais do que os adultos, têm uma habilidade admirável para falar fluentemente uma língua usada com freqüência no meio em que vivem. Sabemos que a aprendizagem da língua vernácula, pela criança, dispensa qualquer orientação especial. Mais ainda, Ronald Langacker — autoridade em assuntos de linguagem — afirma, em seu livro "A Linguagem e sua Estrutura", referindo-se à aquisição da linguagem: "A única coisa aparentemente necessária é ficar suficientemente exposto à língua em questão".<sup>1</sup>

Assumindo os termos de Langacker e considerando os problemas de grafia socialmente aceita num nível sociolingüístico culto, podemos registrar uma série de constatações.

Uma criança, exposta a um nível sociolingüístico culto, não terá algumas das dificuldades ortográficas inerentes a uma criança

1 — LANGACKER, Ronald. *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1972. p. 20.

exposta ao estrato sociolingüístico oposto, pois não usará "trabalha", "açucra", "problema", por exemplo.

Esses problemas apontados não são os mais graves, já que, quando as crianças provenientes de estratos sociolingüísticos mais baixos entram para a escola, passam a ficar expostas a um estrato sociolingüístico culto e a modificação se opera naturalmente. Por outro lado, ao encontro do trabalho da escola, atuam os meios de comunicação, hoje com uma penetração bastante significativa.

Cumpramos observar aqui que todos temos contato direto diário com diferentes estratos sociolingüísticos e que a adoção de um, está na razão direta da freqüência e intensidade de contato com o referido estrato. É o caso da criança que, pertencendo a um estrato sociolingüístico mais baixo, o substituirá por outro, durante sua vida escolar, devido ao contato freqüente com o nível oficial em estabelecimentos de ensino.

É evidente que, nos primeiros contatos com um nível sociolingüístico diferente do seu, a criança vacilará ao falar ou escrever palavras sintomáticas de seu estrato de origem. Cabe ao professor, então, realizar exercícios que envolvam os três tipos de memória — visual, cinética e auditiva — para que a criança seja atingida na que mais desenvolvida possui. Assim uma criança poderá "descobrir", pelo movimento que faz ao escrever determinada palavra, sua forma certa. Poderá ainda, vendo ou ouvindo as diversas formas de uma palavra, dentre as quais vacila, preferir a correta.

Aspecto de dificuldade um tanto diverso do enunciado acima encontramos nas crianças que, em seus primeiros anos de vida, ficaram expostas a uma língua estrangeira em casa e, em outras situações, à Língua Portuguesa. Novamente cabe tentar remover o problema através do apelo aos três tipos de memória anteriormente citados. Se a dificuldade reside em trocas de *t* com *d*, *p* com *b*, *f* com *v*, é solução encontrar-mos pares mínimos e levarmos a criança a perceber que a substituição de uma letra por outra implica mudança de significado (cf. tente/dente, pata/bata, faca/vaca). Quando a criança, a partir de desenhos, tiver de escrever *faca* e *vaca*, perceberá que as duas não podem ser grafadas da mesma forma.

Ainda que toda as crianças tenham ficado expostas a um nível sociolingüístico culto, permanecem problemas no que tange ao uso da grafia socialmente aceita.

Uma das dificuldades é o estabelecimento de diferenças, em expressão escrita, entre palavras como *caminham* e *caminhão*. Nesse caso, o problema é de natureza um tanto diversa dos mencionados anteriormente e a solução seria atingir a memória audi-

tiva unicamente. Cabe ao professor oportunizar às crianças exercícios orais em que percebam a diferença de pronúncia entre as palavras.

Há também a dificuldade que envolve o uso de **m** antes de **p** e **b**. Sugerimos que esta seja trabalhada através de uma estratégia de comparação e contraste em forma similar ao que segue. O professor poderá apresentar um grupo de palavras como **antes**, **andar**, **campo**, **bomba**, **lança**, **tampa**, etc. e dizer às crianças que separem as palavras em dois grupos a partir de elementos comuns. Resultarão o grupo do **n** e do **m**. Após verão o que há de comum no grupo do **m** e chegarão à generalização: **m** só ocorre antes de **p** e **b**; nos demais ambientes, ocorre **n**.

Resta, ainda, o problema mais difícil de tratar que advém do fato de termos em Língua Portuguesa várias representações gráficas para um mesmo som. Exemplificando, o caso de /s/, que pode ser grafado com **s**, **ç**, **sc**, **xc**, **ss**, entre outros. Para esse fato e similares não há explicação plausível para uma criança. Urge apelarmos novamente aos diversos tipos de memória.

Acreditamos que a melhor solução é o uso do método de propaganda. Isso ficou ratificado quando, entrando numa turma de 7.ª série do 1 grau, dissemos: "Escrevam todos a palavra EXCEDE." A palavra, do ponto de vista do significado, não era conhecida por todos, mas do ponto de vista visual, sim, devido à penetração da propaganda cujo texto é "EXCEDE — Com Shell Super, você pode até esquecer a hora da troca". Realmente não constituiu surpresa para nós o fato de a maioria da turma ter grafado a palavra da forma desejada. Evidencia-se, assim, a efetividade do emprego do método de propaganda.

Relevante é lembrar que uma das técnicas publicitárias consiste em distrair o consumidor com fotografias, desenhos, jogos de palavras e outros recursos similares, enquanto a imagem do produto penetra em sua mente. Devido a isso, as palavras a serem memorizadas não devem aparecer isoladas, mas precisam fazer parte de um conjunto que distraia o leitor, assim ele a registrará em sua memória sem perceber.

Por um aspecto de envolvimento pessoal, é interessante que os próprios alunos elaborem cartazes, com frases suas, que contenham as palavras em questão. Os referidos cartazes poderão ser afixados em sala de aula, mais tarde substituídos por outros, após podem voltar os primeiros e assim por diante, pois, da mesma forma como somos submetidos de tempo em tempo a um mesmo anúncio publicitário, devem ser os alunos.

É importante observar que as palavras a serem "consumidas" devem ser retiradas de trabalhos dos alunos. Palavras que eles têm

necessidade de usar, usam e erram. O professor não deve incluir, num primeiro momento, palavras de seu repertório ou de uso bastante restrito. Geralmente, estas não têm significado para os alunos, o que dificulta a apreensão da grafia correta das mesmas.

De outra parte, cabe ainda observar que, quando a soma de informações é muito grande, a assimilação se torna bem mais difícil. Devido a isso, as dificuldades ortográficas devem ser trabalhadas uma a uma, lentamente.

Experimentamos trabalhar com um grupo de dificuldades ortográficas — através de jogos — e verificamos que houve aprendizagem, mas não foi duradoura, apenas momentânea. Não há, então, motivo para "aulas de ortografia". A grafia socialmente aceita num nível culto deve ser parte constante e diária no ensino da Língua Portuguesa.

Evidentemente todos os fatos, ora mencionados, não constituiriam dificuldade se os alunos tivessem hábito de leitura, se ficassem expostos à grafia correta das palavras através de bons escritores. É esse um aspecto de extrema importância no ensino da língua vernácula que merece ser tratado longa e cuidadosamente em outra oportunidade. Ainda assim, a título de menção somente, cumpre registrar que não acreditamos ter efeitos positivos obrigar alunos a lerem determinados livros, exigir-lhes fichas de leitura. O aluno precisa, isto sim, ter seu gosto despertado para a leitura e este é outro aspecto que merece especial atenção.